

PREFÁCIO DA 1ª EDIÇÃO, 1988
LUÍS MOITA

PREFÁCIO DA 1ª EDIÇÃO, 1988
LUÍS MOITA

A nossa existência desenrola-se no entrecruzar das relações pessoais, desde as formas simples da intimidade quotidiana, até ao anonimato da vida colectiva. O encontro poderá ser fugidio, ou a presença mútua terá continuidade no face a face, mas sempre a pessoa se acha confrontada com outrem de maneira irrecusável. O problema moral é, em última análise, o problema da seriedade da relação, e o sujeito moral é aquele que se interroga sobre as condições duma autêntica convivência.

Tudo isto constitui um dado elementar da nossa experiência vivida e o papel da reflexão é, justamente, o de clarificar esse dado, não só explicitando-o, como ainda pondo em relevo a sua inteligibilidade. Ora é este o propósito do presente estudo: justificar a afirmação de que a moral é um problema de relação intersubjetiva, tentando assim dar um pequeno contributo para a renovação da Teologia Moral, preconizada pelo Concílio Vaticano II.

Todavia, o Concílio não se limitou a desejar essa renovação, mas apresentou também as principais linhas que a devem orientar. Ao mostrar-nos a fisionomia duma Igreja que é o mistério de comunhão, uma Igreja que não está centrada em si mesma, mas que é testemunha de Jesus Cristo e servidora dos homens no mundo, o Concílio apontou-nos alguns caminhos que devemos percorrer, em ordem a iniciar essa imperiosa renovação. Convém, pois, abrir o estudo com uma breve síntese eclesiológica, para que todo o desenvolvimento tenha como ponto de partida o sentido da comunhão eclesial: a Introdução sobre a “*communio*” será o primeiro passo para situar a problemática moral.

A esta luz, a questão das relações humanas coincide com o mistério da comunhão intersubjectiva, na medida em que todo o esforço moral converge para o encontro das pessoas na vida em comunhão. Esse tema será estudado ao longo de duas partes, a primeira em perspectiva antropológica, a segunda em perspectiva teológica, procurando mostrar a maneira como a Palavra de Deus se enraíza a experiência humana.

Sob pena de permanecer uma construção arbitrária, o sentido de intersubjectividade moral deverá ser integrado na estrutura intrínseca da moralidade e, por isso, impõem-se algumas análises prévias que tornem possível a referida integração. Os dois primeiros capítulos correspondem a esta exigência, estabelecendo as indispensáveis premissas que são o dinamismo de realização pessoal e a estrutura da acção responsável. Só depois o terceiro capítulo poderá abordar demoradamente o problema da vida em comunhão.

Estritamente complementar em relação à primeira, a segunda parte fará ver o momento de inserção da fé, da esperança e da caridade no anterior contexto da moralidade, até que, finalmente, se poderá constatar a existência duma profunda afinidade entre as relações intersubjectivas e a comunhão eclesial.

Será fácil verificar-se ao longo do texto a constante preocupação de diálogo com algumas das principais correntes do pensamento contemporâneo, desde a fenomenologia existencialista, até à psicologia profunda e ao marxismo. Desse proveitoso confronto resulta certamente uma nova maneira de pôr alguns problemas, não apenas ao nível das categorias mentais, mas também no domínio da própria linguagem. Oxalá isso constitua mais um enriquecimento para a herança tomista e para a tradição da moral católica.

Ao apresentar este trabalho, desejo manifestar o meu agradecimento a todos os Professores da Academia Alfonsiana. Além do Padre Bernhard Haering, que acompanhou inicialmente a preparação da tese, é sobretudo aos Padres Domenico Capone e Garcia Vicente que muito fico a dever pelas suas preciosas sugestões e pelo grande apoio que sempre me deram. Igualmente agradeço aos meus colegas, que tanto me ajudaram no diálogo e na colaboração.

Exprimo ainda o meu reconhecimento ao Colégio Português de Roma, assim como à Fundação Calouste Gulbenkian, a qual subsidiou generosamente a última fase da elaboração deste estudo.

A presente tese foi apresentada e defendida na Academia Alfonsiana de Roma, em 16 de Junho de 1967, com vista à obtenção do doutoramento em Teologia Moral. Só hoje ela pode ser editada, esperando que a sua inevitável desactualização não lhe tenha feito perder a utilidade.

Lisboa, Junho de 1988

L.M.